7º Seminário de Graduação e Pós-Graduação em Relações Internacionais da Associação Brasileira de Relações Internacionais (ABRI)

Data: 12/12 a 14/12

Local: Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS) - Porto Alegre (RS)

Área Temática: Análise de Política Externa

A COOPERAÇÃO REGIONAL CONTEMPORÂNEA: A OCX E A 'NOVA ORDEM'

Autor: Paulo Victor Fernandes Oliveira (Universidade Federal da Bahia - PPGRI/UFBA)[1]

[1] Mestrando em Relações Internacionais no Programa de Pós-Graduação em Relações Internacionais da Universidade Federal da Bahia (PPGRI - UFBA). Pesquisador Associado do Grupo de Pesquisa em Relações Internacionais, Políticas Públicas e Governo da Universidade Salvador (GPRIPPG - UNIFACS); Pesquisador Associado do Grupo de Estudos Sobre Segurança Energética (GESENE - UFPB); Membro do Centro de Investigação em Rússia, Eurásia e Espaço Pós-Soviético (CIRE/GEDES - PPGRI San Tiago Dantas). E-mail: pvictorfernandes@outlook.com; ORCID: https://orcid.org/0009-0009-4987-9865.

Resumo Expandido:

Com a derrocada da União Soviética e a independência das repúblicas da Ásia Central – Cazaquistão, Uzbequistão, Turcomenistão, Quirguistão e Tadjiquistão –, a importância dos mesmos amplificou-se significativamente na geopolítica regional, levando em consideração também, a crise em que Moscou ultrapassava durante a década de 1990, bem como os conflitos atrelados à localidade no pós-independência e a abertura gradual dos países (GUSEV, 2019).

O avanço da globalização neoliberal nesse espaço possibilitou o incremento e a expansão de laços comerciais desses países com outras regiões devido ao crescente aumento internacional por demanda energética. Outras potências avistaram uma oportunidade maior de solvência da influência russa, sobretudo no âmbito energético. Tal dinâmica fez com que antigos líderes locais, que outrora estavam dentro do arcabouço político da União Soviética e de suas Repúblicas, emergissem como donos de empresas estatais soviéticas que passaram para o domínio estatal ou privado dos novos países então independentes, com alguns autores colocando essas figuras como “oligarcas da energia” na Ásia Central (COOLEY; HEATHERSHAW, 2017).

Concentrando grandes poderes individuais entre essas lideranças e pouca efetividade econômica, no início do século XXI, as relações entre os países centro-asiáticos voltam a ser grandes prioridades, evidenciado com a instauração e o desenvolvimento da Organização para Cooperação de Xangai (OCX) em 2001 (RUMER, 2002), unindo os vizinhos da região: Cazaquistão, Quirguistão, Tadjiquistão e Uzbequistão – tendo o Turcomenistão como membro convidado –, com a adesão também da China e Rússia, naquele momento.

Antes, a OCX fora semeada no contexto da década de 1990 com o nome de “*Shanghai Five*”, uma espécie de fórum regional, sendo posteriormente oficializada em 2001 com a adesão do Uzbequistão, reunindo todos os países citados acima – com exceção do Turcomenistão –. Além disso, a OCX conta como membros, as duas potências nucleares regionais do subcontinente indiano, Índia e Paquistão, que aderiram em 2017, e mais recentemente com a adesão do Irã em 2023. Dentro desse espaço, é evidente o eixo de cooperação sino-russo, sendo os dois países mais atuantes na resolução de conflitos e de acordos militares e econômicos (BOLAND, 2010).

Além da criação da OCX, o marco temporal do ano de 2001 é especialmente relevante para entendermos esse contexto de relações que outrora, em tempos soviéticos, foram de diferenças conflitantes fundamentais. Tanto a entrada da China na Organização

Mundial do Comércio (OMC), quanto os atentados de 11 de setembro de 2001 nos Estados Unidos, trouxeram uma verdadeira agitação para a segurança regional. Desde então, a OTAN (Organização do Tratado do Atlântico Norte) expandiu ainda mais o seu escopo, projetando não somente a Rússia – que também vinha recuperando seu prestígio lentamente, após uma conturbada década de 90 nos âmbitos econômicos, militares, sociais e políticos, sobretudo –, mas também a China e a questão de *Xinjiang*, objeto de segurança nacional de Pequim e também de preocupação securitária regional (DALL'AGNOL, 2021).

Tais fatores vieram por ocasionar uma aproximação maior entre China e Rússia, que, com o passar do tempo, foram alinhando objetivos de política externa semelhantes, principalmente nos âmbitos militares e econômicos já citados, através de acordos de aquisição de armamentos e novos gasodutos que ligam os países e/ou passam pelo Cazaquistão, como exemplo.

Com o constante prestígio e valorização do petróleo e do gás natural nos diferentes mercados pelo mundo, em consonância com a ampliação da presença militar e econômica estadunidense na região do Oriente Médio e até em pontos específicos da Ásia Central, essas relações bilaterais entre chineses e russos vão se acentuar sobretudo da última década em diante, com a retomada de prestígio geopolítico e militar russo em algumas regiões, bem como a ascensão chinesa, onde ambos vislumbram um rival geopolítico em comum, os Estados Unidos (YU, 2002).

Tanto para Moscou, como para Pequim, a aliança mútua nessas temáticas acabam sendo coniventes com os objetivos de contrariar e diminuir a penetração e influência dos Estados Unidos na região, promovendo e reforçando novos laços econômicos, militares e diplomáticos entre os entes envolvidos, por exemplo, através de novos métodos de resoluções de conflitos (THOMPSON, 2022), trazendo um novo modelo de complexo regional de segurança por meio da OCX (BUZAN; WAEVER, 2003).

O cenário caótico do Afeganistão, tende a se tornar um exemplo tácito e de valor considerável para ambas as potências e um exemplo "teste" grandioso dessas novas políticas externas alinhadas para a OCX, já que para além de ser uma ponte geográfica que liga o Oriente Médio a região da Ásia Central, o país também é um berço de células de grupos insurgentes que visam ameaçar a segurança regional e a enfatizar possíveis movimentos separatistas nos países da região e da própria organização, além de ser também um importante fornecedor de diversas matérias primas que possuem em abundância no solo afegão, reforçando o seu potencial de investimento (PANNIER, 2021).

Para tal, veremos como a 'Nova Ordem' do eixo euroasiático sino-russo, através do exemplo da OCX e a sua cooperação regional provocará uma nova lógica de um complexo regional de segurança (GUNGWU; YONGNIAN, 2009), como principal objetivo e hipótese de pesquisa. A partir dessa pergunta, o trabalho utiliza-se de documentos oficiais da OCX e dos países que a compõem, como os documentos do Conceito de Segurança Nacional, principalmente o da Rússia e China (Planos Quinquenais inclusos), além das referências mencionadas.

Palavras-chave: Regionalismo; Segurança Internacional; OCX; Cooperação; Ásia Central.

1. Introdução

Com a derrocada da União Soviética e a independência das repúblicas da Ásia Central – Cazaquistão, Uzbequistão, Turcomenistão, Quirguistão e Tadjiquistão –, a importância dos mesmos amplificou-se significativamente na geopolítica regional, levando em consideração também, a crise em que Moscou ultrapassava durante a década de 1990, bem como os conflitos atrelados à localidade no pós-independência e a abertura gradual dos países (GUSEV, 2019).

O avanço da globalização neoliberal nesse espaço possibilitou o incremento e a expansão de laços comerciais desses países com outras regiões devido ao crescente aumento internacional por demanda energética. Outras potências avistaram uma oportunidade maior de solvência da influência russa, sobretudo no âmbito energético. Tal dinâmica fez com que antigos líderes locais, que outrora estavam dentro do arcabouço político da União Soviética e de suas Repúblicas, emergissem como donos de empresas estatais soviéticas que passaram para o domínio estatal ou privado dos novos países então independentes, com alguns autores colocando essas figuras como "oligarcas da energia" na Ásia Central (COOLEY; HEATHERSHAW, 2017).

Concentrando grandes poderes individuais entre essas lideranças e pouca efetividade econômica, no início do século XXI, as relações entre os países centro-asiáticos voltam a ser grandes prioridades, evidenciado com a instauração e o desenvolvimento da Organização para Cooperação de Xangai (OCX) em 2001 (RUMER, 2002), unindo os vizinhos da região: Cazaquistão, Quirguistão, Tadjiquistão e Uzbequistão – tendo o Turcomenistão como membro convidado –, com a adesão também da China e Rússia, naquele momento.

Antes, a OCX fora semeada no contexto da década de 1990 com o nome de "*Shanghai Five*", uma espécie de fórum regional, sendo posteriormente oficializada em 2001 com a adesão do Uzbequistão, reunindo todos os países citados acima – com exceção do Turcomenistão –. Além disso, a OCX conta como membros, as duas potências nucleares regionais do subcontinente indiano, Índia e Paquistão, que aderiram em 2017, e mais recentemente com a adesão do Irã em 2023. Dentro desse espaço, é evidente o eixo de cooperação sino-russo, sendo os dois países mais atuantes na resolução de conflitos e de acordos militares e econômicos (BOLAND, 2010).

Além da criação da OCX, o marco temporal do ano de 2001 é especialmente relevante para entendermos esse contexto de relações que outrora, em tempos soviéticos, foram de diferenças conflitantes fundamentais. Tanto a entrada da China na Organização Mundial do Comércio (OMC), quanto os atentados de 11 de setembro de 2001 nos Estados Unidos, trouxeram uma verdadeira agitação para a segurança regional. Desde então, a OTAN (Organização do Tratado do Atlântico Norte) expandiu ainda mais o seu escopo, projetando não somente a Rússia – que também vinha recuperando seu prestígio lentamente, após uma conturbada década de 90 nos âmbitos econômicos, militares, sociais e políticos, sobretudo –, mas também a China e a questão de *Xinjiang*, objeto de segurança nacional de Pequim e também de preocupação securitária regional (DALL'AGNOL, 2021).

Tais fatores vieram por ocasionar uma aproximação maior entre China e Rússia, que, com o passar do tempo, foram alinhando objetivos de política externa semelhantes, principalmente nos âmbitos militares e econômicos já citados, através de acordos de aquisição de armamentos e novos gasodutos que ligam os países e/ou passam pelo Cazaquistão, como exemplo.

Com o constante prestígio e valorização do petróleo e do gás natural nos diferentes mercados pelo mundo, em consonância com a ampliação da presença militar e econômica estadunidense na região do Oriente Médio e até em pontos específicos da Ásia Central, essas relações bilaterais entre chineses e russos vão se acentuar sobretudo da última década em diante, com a retomada de prestígio geopolítico e militar russo em algumas regiões, bem como a ascensão chinesa, onde ambos vislumbram um rival geopolítico em comum, os Estados Unidos (YU, 2002).

Tanto para Moscou, como para Pequim, a aliança mútua nessas temáticas acabam sendo coniventes com os objetivos de contrariar e diminuir a penetração e influência dos Estados Unidos na região, promovendo e reforçando novos laços econômicos, militares e diplomáticos entre os entes envolvidos, por exemplo, através de novos métodos de

resoluções de conflitos (THOMPSON, 2022), trazendo um novo modelo de complexo regional de segurança por meio da OCX (BUZAN; WAEVER, 2003).

O cenário caótico do Afeganistão, tende a se tornar um exemplo tácito e de valor considerável para ambas as potências e um exemplo “teste” grandioso dessas novas políticas externas alinhadas para a OCX, já que para além de ser uma ponte geográfica que liga o Oriente Médio a região da Ásia Central, o país também é um berço de células de grupos insurgentes que visam ameaçar a segurança regional e a enfatizar possíveis movimentos separatistas nos países da região e da própria organização, além de ser também um importante fornecedor de diversas matérias primas que possuem em abundância no solo afegão, reforçando o seu potencial de investimento (PANNIER, 2021). Para tal, veremos como a ‘Nova Ordem’ do eixo euroasiático sino-russo, através do exemplo da OCX e a sua cooperação regional provocará uma nova lógica de um complexo regional de segurança (GUNGWU; YONGNIAN, 2009).

2. O Contexto Histórico dos Membros Fundadores

A região da Ásia Central, historicamente, sempre obteve grande destaque devido ao seu posicionamento geoestratégico relevante, desde as memoráveis rotas comerciais nas antigas dinastias, até o controle do território e o combate a grupos terroristas que eventualmente possam aparecer em seu entorno nas conjunturas mais contemporâneas.

Contudo, com o decorrer dos anos e do crescente aumento de influência russa e chinesa na região centro-asiática, inicialmente, algumas questões geopolíticas começaram a se tornar mais evidentes, sobretudo a partir do referido ingresso da China na Organização Mundial do Comércio (OMC) em 2001, após os atentados de 11 de setembro, a expansão da OTAN e o ‘retorno’ da Rússia no cenário regional, após conflitos internos (DALL’AGNOL, 2021).

As questões de segurança nacional também estão fortemente atreladas ao contexto da atuação das políticas externas chinesas e russas na região (PAUTASSO, 2011). *Xinjiang*, província ao noroeste chinês, está em um dos centro das atenções da temática. Os problemas de desenvolvimento econômico e controle político estão nessa balança. Dois fatores são importantes nesse cenário: 1) Expansão do desenvolvimento nacional chinês para as regiões menos populosas e com menores índices de desenvolvimento humano; 2) Preocupação com o contexto social, econômico e político das ex-repúblicas soviéticas, sobretudo o Uzbequistão, Quirguistão e Tadjiquistão, devido ao seu histórico de insurgências de células terroristas desde as suas independências e posteriores conflitos civis, e por

estarem diretamente ligadas à *Xinjiang* – com exceção do Uzbequistão – através de fronteiras que eventualmente são porosas, além do fator Afeganistão (VALÉRIE, 2006).

Tais preocupações e objetivos estão contidos nos Planos Quinquenais de Pequim, que pautam essas temáticas e que perpassam de forma significativa pelo desenvolvimento e incremento das atividades socioeconômicas na localidade. É a partir dos anos 2000 que também, no início do primeiro mandato Putin, que o documento da Estratégia de Segurança Nacional da Rússia é lançado com a seção que evidencia a importância da região para Moscou, não somente para o combate ao terrorismo nas regiões conflitantes internas (Chechênia e Daguestão), mas também de seus vizinhos centro-asiáticos (RUSSIAN GOVERNMENT, 2016).

Além disso, a dissolução Soviética trouxe incertezas do que viria a acontecer pelos anos seguintes. Uma certa euforia de “abertura” já presenciada alguns anos antes dentro do país eram pequenas amostras do quão aqueles países e suas sociedades estavam vislumbrando com a globalização ocidental, apesar do termo globalizante não ser algo exclusivo do Ocidente, já existindo relações de trocas no “Bloco Soviético”, principalmente no âmbito comercial (MARK, FEYGIN, 2020). Dentro da Ásia Central, a infraestrutura soviética predominava em diversos setores produtivos, e nos modais de transportes, como o rodoviário, hidroviário, ferroviário, que ajudavam a escoar as principais fontes de *commodities* e a conectar a região com a sua principal fonte de dividendos, os hidrocarbonetos (NASCIMENTO, 2015).

O impacto da dissolução do país trouxe consigo diversas problemáticas para os países então independentes da Ásia Central: Cazaquistão, Quirguistão, Tajiquistão, Turcomenistão e Uzbequistão. Os problemas de conectividade eram observados por alguns fatores, principalmente pela falta de manutenção que gerou diversas outras problemáticas em escala maior a longo prazo e pela falta de mecanismos cooperativos que pudessem auxiliar em melhores acordos políticos para os países. Alguns, como o Tajiquistão e o Quirguistão, que necessitavam mais de energia proveniente de hidrelétricas, sofreram com maior escassez, principalmente devido a essas questões mencionadas (IRENA, 2020).

Os contextos dos países da Ásia Central são diversos. O Cazaquistão possui laços culturais relevantes com a minoria uigur que habita a região de *Xinjiang* na China, para além de ser também povoado mais ao norte por minorias étnicas que compõem a Federação Russa. Além disso, historicamente sempre foi um ponto estratégico dentro da União Soviética, devido a sua dimensão territorial e sua baixa densidade populacional, sendo um lugar preferencial para testes nucleares e lançamentos de projetos espaciais.

No âmbito econômico, a China já possui acordos bilaterais robustos com o país, com zonas de livre comércio e novos projetos de gasodutos, ferrovias e infraestrutura local, além da participação financeira em diversas empresas ligadas ao setor energético no país, sobretudo desde a implementação do *Belt and Road Initiative*, projeto de influência chinesa que angariou consideravelmente a figura de liderança do Xi Jinping para o mundo, através da remodelação da política externa de Pequim nas alianças econômicas, militares e diplomáticas (HUTSON, 2022).

A conjunção do Tadjiquistão, do Quirguistão e do Uzbequistão talvez sejam os mais complexos e sensíveis para a China e Rússia no âmbito securitário. Além do fator geográfico, questões fronteiriças relacionadas ao pós-independência desses países ainda não foram resolvidas até os dias atuais, o que gera escaramuças constantes entre os países, em suas divisões políticas e sociais. Outro exemplo comum são os quatro exclaves uzbeques dentro do Quirguistão e um quirguiz dentro do Uzbequistão, tornando a conjuntura ainda mais complexa entre esses países (AMINJONOV, 2016).

3. Os Objetivos Iniciais e o Espírito de Xangai

A estratégia de estabilização do seu entorno geoestratégico coincide diretamente com as reformas aplicadas pela política externa de Pequim desde Deng Xiaoping, ligadas as teorias da ascensão pacífica (PECEQUILO, 2014), sendo pautadas sobretudo pelo desenvolvimento econômico e social com seus parceiros, mas que também não deixam de pautar a sua segurança interna, combatendo o que qualificam como extremismo, terrorismo e separatismo, objetivos norteadores do chamado ‘Espírito de Xangai’ e da própria formação da OCX (DE JESUS, 2014). A projeção do *Belt and Road* nesses países acaba por resguardar a maioria dos objetivos estratégicos da política externa chinesa para a região, sendo fundamentais para o poder cooperativo da própria OCX.

O breve contexto histórico e de relações entre os países centro-asiáticos e o eixo sino-russo é fundamental para entendermos os objetivos da Organização para Cooperação de Xangai em consonância com o seu ‘espírito’ cooperativo. A questão ética desses países vai de encontro a hegemonia da globalização neoliberal irrestrita dos anos 1990, que desconsidera as experiências históricas e sociológicas das regiões. Reconhecendo a importância dessa cooperação, é possível identificar alguns mecanismos de governança regional que foram implementados para fortalecê-la, principalmente no âmbito da Organização para Cooperação de Xangai (OCX) como o sua estrutura antiterrorista de contraterrorismo, como exemplo (MARREIRO; CABRAL, 2020).

É a partir desses cenários que ficam mais perceptíveis as políticas atuais de integração e cooperação na região, por meio dos “novos” fenômenos que surgiram depois dessa inserção inicial desses países na globalização neoliberal com seus ‘oligarcas da energia’ e de um resgate desse passado soviético integrado, bem como de uma possível reinterpretação da globalização nos seus moldes ‘vermelhos’, devido tanto a interdependência desses países, mas também de sua dependência estrutural perante Moscou e mais recentemente, de Pequim (ALKUWAITI, 2020).

Tendo isso em vista, a OCX traz consigo um espírito fundacional próprio e uma alternativa à unipolaridade estadunidense. A Carta da OCX de 2002 prevê e enfatiza a promoção da multipolaridade, não interferência de assuntos e leis internas, igualdade dos Estados e do respeito à diversidade cultural, da soberania e integridade territorial, além da resolução pacífica de conflitos existentes, evidenciando o fortalecimento do desenvolvimento econômico e social conjunto (OCX, 2002).

O dito ‘Espírito de Xangai’, é um conceito que é relembrado por outras nações, sobretudo periféricas, em suas tratativas multilaterais. Tanto a China como a Rússia já evidenciaram seu desejo em colocar a OCX como um órgão internacional de resolução de conflitos internacionais (DE JESUS, 2014), o que é justificado a partir da adesão de Índia e Paquistão em 2017 e da inclusão do Irã em 2023.

Mesmo com críticos ocidentais, que argumentam sobre lógicas de sistemas políticos “ditatoriais” nos países que são membros da OCX, percebemos que a organização traça objetivos que fomentam a coesão econômica, social e política das sociedades, tornando a eficiência tanto dos países, quanto da organização e o seu complexo regional de segurança através da mesma, como propôs Buzan e Waever (2003), uma experiência ainda mais exitosa. Uma das grandes questões para a organização regional, é a disputa ideológica posta por dois polos divergentes dentro da política internacional, a ordem unipolar do eixo estadunidense e a ‘Nova Ordem’ puxada pelo eixo sino-russo (PAUTASSO, 2011), que trará um teste de liderança e promoção para este eixo euroasiático.

4. A Expansão da OCX e a ‘Nova Ordem’

Dentre os seus objetivos fundacionais e os marcos históricos listados, a expansão da OCX se dá principalmente como uma resposta à hegemonia estadunidense na região e a sua ordem unipolar, bem como as ameaças insurgentes recorrentes (VISENTINI, 2013). A Estratégia de Segurança Internacional dos Estados Unidos no início do Século XXI coloca a

região da Ásia Central como foco abrangente de influência das dinâmicas do Oriente Médio, trazendo um maior engajamento militar e político do país com as nações centro-asiáticas (USAID, 2022).

Como sabemos, as guerras que formaram parte do combate ao terrorismo religioso nessas regiões trouxeram uma série de questões negativas para a liderança estadunidense. Aos olhos paquistaneses e afegãos não foi diferente. Um sentimento anti-estadunidense e pan-islâmico cresceu na periferia desses países (VISENTINI, 2013).

Não obstante, o eixo político de atuação sino-russo, observou uma oportunidade de interação através da OCX e a sua expansão, dialogando com parceiros fundamentais do Oriente Médio e convidando a Índia e o Paquistão de uma só vez, para compor a organização em 2015, aderindo-a formalmente em 2017, depois de algumas negativas anos anteriores (MARREIRO; CABRAL, 2020).

A evolução da expansão da Organização para Cooperação de Xangai pode ser vista em alguns períodos relevantes e que foram descritos acima. O primeiro, a partir dos 'Cinco de Xangai', por meio da construção de confiança mútua e das tratativas de resoluções de escaramuças existentes entre os membros fundadores; o segundo através da criação da OCX em si e da sua institucionalidade, trazendo o Uzbequistão como membro pleno e colocando seus objetivos contra o terrrorismo, extremismo e separatismo; o terceiro e mais contemporâneo, a busca pelo desenvolvimento socioeconômico e pelo prestígio internacional a partir da lógica de um complexo regional de segurança, dialogando e expandindo seus parceiros estratégicos (nações e organizações) e aderindo novos membros observadores relevantes como Índia, Paquistão, Irã, Mongólia e Bielorrússia (HAAS, 2007) e posteriormente membros plenos, nos casos de Índia e Paquistão (2017) e Irã (2023).

Para além do combate ao terrorismo, a promoção dos valores individuais de cada nação e o desenvolvimento socioeconômico em busca de uma estabilização interna e consequentemente regional, práticas como exercícios militares e mecanismos de inteligência entre as agências militares são costumes convencionais entre os membros da OCX (REEVES, 2014).

Evidentemente, algumas contradições são vistas a partir dessa expansão da 'Nova Ordem' do eixo sino-russo. Primeiro é a própria adesão de Índia e Paquistão como membros plenos, segundo o conhecido envolvimento de Islamabad ao apoio de células insurgentes, e terceiro, ao próprio desafio da organização de fornecer um mecanismo eficaz de resolução de conflitos tanto para indianos e paquistaneses, quanto para a instabilidade

dentro do Afeganistão, vizinho mais próximo (RIBEIRO, 2015).

Para além da ampliação da cooperação sino-russa, que é intensificada consideravelmente, pouco antes da invasão de Moscou na Ucrânia em 2022, através da cooperação estratégica abrangente assinada entre ambos – sobretudo no setor energético –, chineses e russos não reconhecem suas reivindicações territoriais próprias mais recentes, tanto na Crimeia e Leste da Ucrânia, quanto no Mar do Sul da China, evidenciando alguns limites nessas relações (NASCIMENTO, 2015), sendo a região da Ásia Central um claro espaço de 'ponte de influência' entre as duas potências, uma de forma histórica, no caso de Moscou, a outra mais contemporânea, no caso de Pequim e seus projetos de investimento (HASHIMOVA, 2020).

Tais contradições também reverberam na adesão mais recente do Irã, rival geopolítico do Paquistão e de outras potências do Oriente Médio, mas parceiro fundamental para o eixo sino-russo e que traz para a OCX, um foco maior de promoção ao diálogo através de seus membros plenos e dos seus parceiros de diálogo como a Árabia Saudita, os Emirados Árabes Unidos, o Egito, o Catar, a Turquia e etc. A queda da presença estadunidense no Oriente Médio e do seu entorno, é também uma oportunidade clara para a promoção e expansão dos valores e princípios do 'Espírito de Xangai' a partir desta 'Nova Ordem' em construção.

Por fim, a própria OCX traz um panorama de resposta que evidencia um dos dilemas colocados pelas grandes potências internacionais, principalmente europeus, estadunidenses e outros questionadores. Por meio do documento de estratégias da organização, no qual menciona aspectos que buscam elucidar e afastar algumas críticas ocidentais através de conceitos que envolvem os 'Direitos Humanos' e a 'Democracia' postos pelos países ocidentais de forma crítica à OCX, deixando de lado a universalidade e pondo o direito ao desenvolvimento humano em foco central para essa organização (*SCO*, 2015).

5. Conclusão

Cada organização internacional é criada e desenvolvida para uma agenda internacional específica, seja conjuntural ou de uma ordem vigente e/ou em transição. A Organização para Cooperação de Xangai (OCX) nasce a partir de uma série de movimentos internacionais que reuniram seus principais membros em busca dos seus objetivos atuais: a contenção e o questionamento da hegemonia vigente e a busca pela criação de uma ordem

com princípios e um ‘espírito’ próprio.

Não obstante, apesar dos seus esforços e logros ao longo de sua trajetória como foi brevemente descrito, a organização tende a ter desafios internos e também externos. Algumas questões podem ser vistas facilmente, com o “ressurgimento” do radicalismo religioso seja no seio dos seus membros, seja no entorno dos países, proveniente de disputas geopolíticas para além do interesse do eixo sino-russo presente na OCX.

Questões separatistas internas, como o caso da Caxemira entre Paquistão e Índia, o Balochistão entre Paquistão, Irã e Afeganistão, questões fronteiriças entre Quirguistão e Tajiquistão, bem como Índia e a própria China são tópicos de questionamentos sobre sua governança e efetividade (MARREIRO; CABRAL, 2020).

Contudo, exemplos históricos de pacificação e estabilização de conflitos na Ásia Central, Cáucaso e até na própria Rússia, são fatores que indicam um certo direcionamento para esta organização, banhada nesta ‘Nova Ordem’ internacional que ao menos em primeiro momento, é puxada pelo eixo Pequim-Moscou em direção a uma rivalidade com as principais potências internacionais ocidentais, em especial os Estados Unidos (LU, 2015).

Apesar da OCX em si, não direcionar seus esforços institucionais para tal disputa contra-hegemônica em seu funcionamento, percebemos que seus atores e suas políticas externas atuam neste caminho em busca de um formato de complexo regional de segurança singular.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ABIDI, Afzaal; WISHART, Alistair. The energy transition in Central Asia: drivers, policy and opportunities. **International Bar Association**, [*S. l.*], p. 1-6, 7 dez. 2021.

ADVANCING Energy Security in Central Asia. **Organization for Security and Co-operation in Europe**, [*s. l.*], 2022.

ALKUWAITI, Mubarak Ateeq Sultan. The importance of the Central Asian region in energy security at the global level: A review. **Journal of Public Affairs An International Journal**, [*s. l.*], p. 1-22, 11 nov. 2020.

AMINJONOV, Farkhod. Central Asian Countries' Power Systems are Now Isolated, but not Everyone is Happy. **Eurasian Research Institute**, 2016.

AMINJONOV, Farkhod. Central Asıan Regıonal Energy Inıtıatıves: Challenges and Opportunıtıes. **EURASIAN RESEARCH INSTITUTE (ERI)**, [*s. l.*], 1 jan. 2016.

AVDALIANI, Emil. Russia's New Gas Strategy in Central Asia. **Russia Briefing**, [*S. l.*], p. 1 -1, 31 maio 2023.

BAKSHI, Jyotsna. Russia's national security concepts and military doctrines: Continuity and change. **Strategic Analysis**, v. 24, n. 7, p. 1267-1284, 2000. Disponível em: https://ciaotest.cc.columbia.edu/olj/sa/sa_oct00baj01.html.

BLANK, Stephen. Energy, Economics, and Security in Central Asia: Russia and Its Rivals. **Strategic Studies Institute**, JSTOR, p. 1-54, 1995. Disponível em: https://www.jstor.org/stable/resrep11682. Acesso em: 30 jan. 2023.

BOLAND, Julie. Learning from the Shanghai Cooperation Organization's 'Peace Mission-2010' Exercise. **The Brookings Institution**, [S. l.], p. 1-3, 29 out. 2010.

BUZAN, Barry; WÆVER, Ole. **Regions and Powers**: The Structure of International Security. [S. l.]: Cambridge University Press, 2003. 598 p. v. 1. ISBN 9780511491252.

CENTRAL Asia Water & Energy Program. **The World Bank**, 2021. Disponível em: https://www.worldbank.org/en/region/eca/brief/cawep. Acesso em: 20 dez. 2022.

COOLEY, Alexander. Russia and China in Central Asia. **Norwegian Institute of International Affairs (NUPI)**, [*s. l.*], 1 jan. 2015.

COOLEY, Alexander A.; HEATHERSHAW, John. **Dictators without borders: Power and money in Central Asia**. Yale University Press, 2017.

DALL'AGNOL, Augusto Cesar. **Queda e Ascensão da Rússia**. 1. ed. [S. l.]: Appris, 2021. 243 p. ISBN 9786525013268.

DE JESUS, Diego Santos Vieira. Além do espírito de Xangai? As políticas externas da Rússia e da China e o balanceamento brando. **Conjuntura Austral**, [s. l.], 2 jul. 2014.

DOCTRINE of Information Security of the Russian Federation. **Совет Безопасности Российской Федерации**, [*S. l.*], p. 1 - 1, 5 dez. 2016. Disponível em: http://www.scrf.gov.ru/security/information/DIB_engl/. Acesso em: 3 jul. 2023.

ELASS, Jareer; JAFFE, Amy Myers. **The history and politics of Russia's relations with OPEC**. 2009. Disponível em: https://scholarship.rice.edu/handle/1911/91409.

FREDHOLM, Michael. The Russian Energy Strategy & Energy Policy: Pipeline Diplomacy or Mutual Dependence?. **Conflict Studies Research Centre**, [s. l.], v. 05, 2005. Disponível em: Conflict Studies Research Centre. Acesso em: 30 jan. 2023.

GRIFFIN, Rosemary. Russia, China look to increase energy cooperation amid Western sanctions. **S&P Global Commodity Insights**, [*S. l.*], p. 1-2, 6 out. 2022.

GUNGWU, Wang; YONGNIAN, Zheng. **China and the New International Order**. [S. l.]: Routledge, 2009. 332 p. ISBN 9780415546454.

GUSEV, Leonid. The Importance of Central Asia for Russia's Foreign Policy. **ISPI (Italian Institute for International Political Studies)**, [*S. l.*], p. 1-5, 3 out. 2019.

HAAS, Marcel de. **The Shanghai Cooperation Organisation**: towards a full-grown security alliance. Hague, Netherlands Institute of International Relations Clingdael, 2007.

HASHIMOVA, Umida. China Launches 5+1 Format Meetings With Central Asia: The format marks an expansion of China's role in the region and a signal of its readiness to compete for influence.. **The Diplomat**, [*S. l.*], p. 1, 20 jul. 2020.

HUOTARI, Jussi. Energy policy and (energy security) as a part of Russian foreign policy. **Nordia Geographical Publications**, v. 40, n. 4, p. 121–132-121–132, 2011.

HUTSON, Nathan. Perspectives | Russian invasion dealing China a Silk Road economic setback: But Kazakhstan has more to lose.. **Eurasianet**, [*S. l.*], p. 1-3, 21 mar. 2022.

INVESTMENT Forums in Central Asia. **IRENA - International Renewable Energy Agency**, [*S. l.*]. 1 jan. 2020. Disponível em: https://www.irena.org/Energy-Transition/Partnerships/CIP/Central-Asia. Acesso em: 3 jul. 2023.

KIM, S. D. In **Central Asia, a Soviet-Era Electricity Network Could Power Future Energy Sharing.** Disponível em: <https://blogs.adb.org/blog/central-asia-soviet-era-electricity-network-could-power-future-energy-sharing> 2020.

LARUELLE, Marlene. Central Asia's Globalized Despots. **Journal of Democracy, Journal of Democracy**, ano 2017, v. 28, p. 173-176, 14 jul. 2017. Disponível em: https://www.journalofdemocracy.org/articles/central-asias-globalized-despots/. Acesso em: 7 jul. 2023.

LAWSON, V., & with Middle Class Poverty Politics Research Group. (2012). Decentring poverty studies: Middle class alliances and the social construction of poverty. **Singapore Journal of Tropical Geography**, 33(1), 1-19.

LU, Hui. Spotlight: Future development blueprint to lift SCO cooperation to new high. Xinhuanet. [S.l.], July 11, 2015.

LUNDEN, Lars Petter et al. Gazprom vs. other Russian gas producers: The evolution of the Russian gas sector. **Energy policy**, v. 61, p. 663-670, 2013.

MARK, James; M. KALINOVSKY, Artemy; MARUNG, Steffi. Alternative Globalizations: Eastern European and the Postcolonial World. *In*: **ALTERNATIVE Globalizations: Eastern European and the Postcolonial World**. Bloomington, Indiana, USA: Indiana University Press, 2020. cap. The Soviet Union, Eastern Europe, and Alternative Visions of a Global Economy 1950s–1980s, p. 35 - 58. ISBN 978-0-253-04653-6.

MARREIRO, Matheus Moraes Alves; CABRAL, Ricardo Pereira. A Organização para Cooperação de Xangai e o Combate ao Terrorismo: Contribuições para a Relação Indo-Paquistanesa. **Revista da Escola Superior de Guerra**, [s. l.], v. 35, n. 73, p. 65-95, 2020.

NAHERNAK, Philip; SIMPKINS, John. The Russian Government and Gazprom. **Cornell International Affairs Review**, v. 1, n. 2, 2008. Disponível em: http://www.inquiriesjournal.com/articles/1280/the-russian-government-and-gazprom.

NASCIMENTO, Flavio Augusto Lira. **A limitação à cooperação securitária sino-russa na**

Ásia Central devido ao não gerenciamento conjunto do fluxo local de hidrocarbonetos por Moscou e Pequim. 2015. 186 p. Tese de Doutorado (Doutorado em Relações Internacionais) - Universidade de São Paulo (USP), [*S. l.*], 2015.

NOJONEN, Matti; SALIN, Pavel; MOSHES, Arkady; FERDINAND, Peter. Russia-China relations: Current state, alternative futures, and implications for the West. **The Finnish Institute of International Affairs**, [*s. l.*], p. 1-123, 2011.

PANNIER, Bruce. Central Asia: Getting Pulled From All Directions At The Crossroads Of Eurasia. **Radio Free Europe**, [S. l.], p. 1, 24 dez. 2021.

PAUTASSO, Diego. **China e Rússia no Pós-Guerra Fria - Inserção Internacional e Transição Sistêmica**. [S. l.]: Juruá, 2011. 194 p. ISBN 978853623516-5.

PECEQUILO, Cristina Soreanu; ALVES DO CARMO, Corival. **A China; O Sistema Internacional e O Sul: Ascensão Pacífica?. A China, O Sistema Internacional e o Sul: Ascensão Pacífica?**, [S. l.], v. 3, n. 1, p. 1-39, 1 jan. 2014.

RADOVANOVIĆ, Mirjana; FILIPOVIĆ, Sanja; PANIĆ, Andrea Andrejević. Sustainable energy transition in Central Asia: status and challenges. **Energy, Sustainability and Society**, [*S. l.*], p. 1-38, 7 dez. 2021.

REEVES, Jeffrey. **The Shanghai Cooperation Organizatio**n: A Tenable Provider of Security in Post-2014 Central Asia? Honolulu: Asia-Pacific Center for Security Studies, 2014.

RIBEIRO, Erik Herejk. **A Expansão da Organização para a Cooperação de Xangai (OCX): Uma Coalizão Anti-Hegemônica?**. Anais do I Seminário Internacional de Ciência Política, Porto Alegre, p. 1-26, 2015.

RUMER, Z. Boris. **Central Asia: A Gathering Storm?**. [S. l.: s. n.], 2002. 456 p. ISBN 978-0765608666.

SHANGHAI Cooperation Organization. [*S. l.*], 2015. Disponível em: http://eng.sectsco.org/cooperation/20170110/192193.html. Acesso em: 20 dez. 2022.

STANDISH, Reid. Central Asia Caught Between 'Two Fires' As It Branches Out From Russia. **Radio Free Europe**, [*S. l.*], p. 1-6, 6 dez. 2022.

STRONSKI, Paul; NG, Nicole. Cooperation and Competition: Russia and China in Central Asia, the Russian Far East, and the Arctic. **Carnegie Endowment for International Peace**, [*s. l.*], p. 1-58, 1 fev. 2018.

SWANSTROM, Niklas. Central Asia and Russian relations: breaking out of the Russian orbit. **Brown J. World Aff.**, v. 19, p. 101, 2012.

THOMPSON, Helen. **Disorder**: Hard Times in the 21st Century. [S. l.]: Oxford University Press, 2022. v. 1. ISBN 978-0198864981.

UMAROV, Temur. Is Putin About to Get His Gas Union With Kazakhstan and Uzbekistan?. **Carnegie Endowment for Internacional Peace**, [*S. l.*], p. 1 -1, 13 mar. 2023.

UMAROV, Temur. Russia and Central Asia: Never Closer, or Drifting Apart?. **Carnegie Endowment for International Peace**, [*S. l.*], p. 1 - 1, 23 dez. 2022.

USAID Power Central Asia. **United States Agency for International Development**, [*S. l.*], p. 1-3, 1 fev. 2022.

VALÉRIE Niquet , **"China e Ásia Central", China Perspectives** [Online] Setembro-outubro de 2006, Disponível em: http://journals.openedition.org/chinaperspectives/1045.

VISENTINI, Paulo. BRICS, OCX e Ibas: as coalizões dos emergentes. In: VISENTINI, P. et al. **BRICS**: as potências emergentes. Petrópolis: Editora Vozes, 2013.

YU Haibo, "**Peso e Perspectiva da Presença Militar dos EUA na Ásia Central**", ISS, 04-2002, pp. 43-49.

2000 Russian National Security Concept. [s.l: s.n.]. Disponível em: <https://www.bits.de/EURA/natsecconc.pdf>.